



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

**MEDITAÇÕES MATUTINAS NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA CAPELA DA CASA SANTA MARTA**

Três graças

Terça-feira, 27 de setembro de 2016

Publicado no L'Osservatore Romano, ed. em português, n. 39 de 29 de setembro de 2016

«Reconhecer a desolação espiritual, rezar quando nos sentimos dominados por este estado de desolação espiritual e saber acompanhar as pessoas que sofrem momentos difíceis de tristeza e de desolação espiritual». São as três graças a pedir ao Senhor indicadas por Francisco.

Oferecendo a celebração do dia, festa litúrgica de são Vicente de Paulo, pelas religiosas da comunidade da Casa — que «foram fundadas» pelo santo francês e cuja «vida segue o caminho que ele indicou: fazer caridade» — o Papa centrou a própria reflexão sobretudo na primeira leitura, tirada do livro de Job (3, 1-3, 11-17.20-23). Esse homem «sofria» porque «tinha perdido tudo. Todos os seus bens, inclusive os seus filhos. E depois adoeceu de uma doença semelhante à lepra: grave, cheio de chagas». Deste modo, o seu sofrimento era tal que «a um certo ponto, abriu a boca e amaldiçoou o seu dia, o que lhe acontecia», dizendo: «Pereça o dia em que nasci e a noite em que foi dito: foi concebido um varão. Seria melhor que tudo isto não tivesse acontecido. Melhor a morte do que viver assim».

Contudo, observou o Pontífice, «a Bíblia diz que Job era justo e santo». E geralmente um santo não «pode agir assim». Com efeito, esclareceu o Papa, Job «não amaldiçoou Deus. Apenas desabafou, isto era um desabafo: um desafo de filho diante do Pai». Quase como fez o profeta Jeremias, que de acordo com o capítulo vinte do seu livro no Antigo Testamento: «Começa com algo muito bom — observou Francisco — e diz ao Senhor: “Fui seduzido por Ti, Senhor”»; mas

logo depois, como Job, também Jeremias diz: «Maldito o dia em que fui concebido». E no entanto «estes dois casos não são blasfémias: são desabafos». Ambos «se desafogam diante de Deus» porque «os dois sentiam uma grande desolação espiritual».

A este propósito o Pontífice frisou que a desolação espiritual «acontece a todos: tanto ao forte como ao débil... Mas, este estado obscuro da alma, sem esperança, desconfiado, sem vontade de viver nem de ver o fim do túnel, com muita agitação no coração e nas ideias», é vivido por todos os homens e mulheres. «A desolação espiritual — explicou — faz-nos sentir como se tivéssemos a alma esmagada», que «não quer viver: “é melhor a morte!” foi o desabafo de Job; melhor morrer do que viver assim».

Mas, disse o Papa, «quando o nosso espírito está neste estado de tristeza ampliada, que quase não temos fôlego, devemos compreender» que isto «acontece a todos»: de modo mais ou menos acentuado, mas acontece a todos. Eis então o convite a «compreender o que acontece no nosso coração», a questionar-nos sobre «o que deveríamos fazer quando vivemos estes momentos obscuros, devido a uma tragédia familiar, uma doença, ou outra situação que nos desanima». Certamente, esclareceu, não é o caso de «tomar um remédio para dormir e afastar-nos dos factos, ou beber dois, três, quatro copos» para esquecer, pois «isto não resolve». Ao contrário, «a liturgia de hoje faz-nos ver como nos devemos comportar «com esta desolação espiritual, quando estamos desanimados, sem esperança».

Uma ajuda vem do salmo responsorial: «Chegue a ti a minha oração, Senhor». Portanto, a primeira atitude é rezar. «Oração forte, forte, forte» repetiu Francisco, evidenciando que o «salmo 87 que acabámos de recitar juntos» ensina «como rezar no momento da desolação espiritual, da escuridão interior, quando nada funciona e a tristeza se apodera do coração. “Senhor, Deus da minha salvação, diante de ti clamo dia e noite”: as palavras são fortes! Foi o que fez Job: “Clamo, dia e noite. Por favor, ouve a minha súplica”». Portanto, «é uma oração» que consiste em «bater à porta, mas com força: “Senhor, estou cansado de desventuras. A minha vida está à beira do inferno. Sinto-me como aqueles que descem à fossa, sinto-me como um homem já sem forças”».

Na vida, observou o Papa «quantas vezes nos sentimos assim, sem forças». Contudo «o próprio Senhor nos ensina como rezar nestes momentos difíceis: “Senhor, lançaste-me na fossa mais profunda. Pesa sobre mim o teu furor. Chegue a ti a minha oração”. Esta é a oração: devemos rezar deste modo nos momentos difíceis, obscuros, de desolação, esmagadores, que nos sufocam», exortou Francisco. Porque «isto é rezar com autenticidade» e, de qualquer maneira, serve «inclusive para desabafar como desabafou Job com os filhos. Como um filho».

Depois de ter indicado o comportamento individual que devemos ter nos momentos de desolação espiritual, o Pontífice refletiu sobre o acompanhamento de quantos se encontram em tais situações. De facto, o trecho bíblico continua com a narração dos amigos que foram ter com Job e «permaneceram em silêncio, muito tempo». Com efeito, explicou o Papa, «diante de uma

pessoa que está nesta situação, as palavras podem ferir. Basta tocá-lo, estar próximo», de modo «que sinta a proximidade, e responder ao que ele pergunta, sem fazer discursos».

Mas no caso de Job «vê-se que os amigos depois de um certo tempo se aborreceram com o silêncio» e começaram «a fazer discursos, a dizer disparates». Mas «quando uma pessoa sofre, está na desolação espiritual, devemos falar o menos possível e ajudar com o silêncio, a proximidade, as carícias e a oração diante do Pai».

Eis a atualidade das leituras litúrgicas. Com base nelas Francisco expressou os votos de «que o Senhor nos ajude: primeiro, a reconhecer em nós os momentos da desolação espiritual, quando estamos na escuridão, sem esperança, e a perguntarmos o porquê; segundo, a rezar como hoje nos ensina a liturgia com este salmo 87 no momento da escuridão — “Chegue a ti a minha oração, Senhor”». E terceiro, «quando me aproximo de uma pessoa que sofre», por uma doença ou por qualquer outra circunstância, «mas que sente precisamente a desolação: silêncio». Um silêncio, concluiu, «com muito amor, proximidade, carícias. E não façamos discursos que no final não ajudam e até ferem».